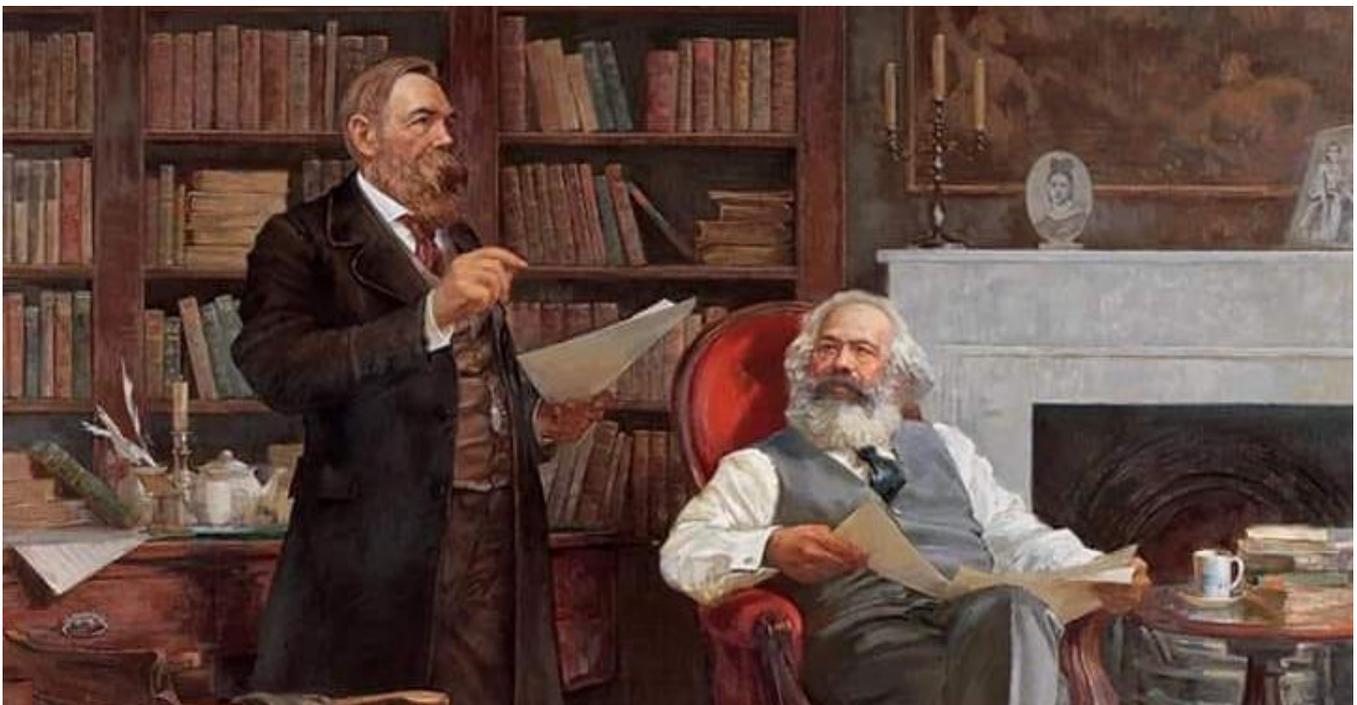


Dialética

Livro Anti-Dühring

Friederich Engels

Capítulos XII, XIII e XIV do livro Anti-Dühring escrito em: **Setembro 1876 - Junho 1878.**



Capítulo XII - Quantidade e Qualidade

"A primeira e mais importante das teses sobre as propriedades lógicas fundamentais do ser refere-se à exclusão da contradição. O contraditório é uma categoria que somente pode ocorrer numa combinação especulativa, mas nunca na realidade. Não existem contradições nas coisas, ou, dito de outro modo, a contradição posta na realidade é o cúmulo do absurdo... O antagonismo de forças que se medem umas às outras em determinado sentido e, inclusive, a forma fundamental de todas as ações na realidade do mundo e dos seres que nele habitam. Mas

esta divergência entre as diferentes direções de força dos elementos e dos indivíduos, não se concilia, de modo algum, com a ideia de absurdos contraditórios... Podemo-nos, sentir, neste ponto, satisfeitos por poder desfazer, com uma imagem clara do verdadeiro absurdo que representa a contradição na realidade, a névoa que parece levantar-se dos pretendidos mistérios da lógica, demonstrando a inutilidade do incenso que se gastou, aqui e ali, em homenagem ao fetiche de barro da dialética da contradição, grosseiramente talhado e burilado na esquemática dos antagonismos do mundo". É isso, mais ou menos, tudo o que o Curso de Filosofia nos diz sobre a dialética. Na sua História Crítica, o Sr. Dühring focaliza, de um modo completamente diferente, a dialética da contradição e nela, principalmente, a doutrina de Hegel. "Na lógica hegeliana, ou melhor, na teoria do Logos, o contraditório não reside no pensamento, que, por sua própria natureza, só pode ser representado como função subjetiva e consciente, mas que existe objetivamente e pode ser apalpado, digamos, de um modo corporal, nas coisas e nos próprios fenômenos; ou seja, o contra senso não é de fato uma combinação impossível de pensamentos, mas sim uma potência real. A realidade do absurdo é o primeiro artigo de fé na unidade hegeliana da lógica e da falta de lógica... Quanto mais contraditório, mais verdadeiro, ou melhor, quanto mais absurdo, mais verossímil. Esta máxima, que nem sequer é nova, pois provém da teologia da revelação e da mística, é a expressão pura e simples do chamado princípio dialético."

A ideia contida nesses dois trechos citados pode ser resumida pela afirmação de que a contradição é o absurdo e que, portanto, não pode se dar no mundo da realidade. Com efeito, para quem se ufana de possuir um sadio senso comum esta tese terá a mesma força de evidência que teria se disséssemos que uma reta não pode ser curva, nem uma curva pode ser reta. Entretanto, o cálculo diferencial, apesar de todos os protestos do sadio senso comum, equipara, em certas circunstâncias, as retas às curvas, atingindo, assim, resultados que jamais poderiam ser alcançados se os matemáticos comungassem com o presunçoso e sadio senso comum em considerar como absurda a identidade da curva e da reta. Considerando-se o papel de suma importância que a chamada dialética da contradição tem desempenhado na filosofia, desde os gregos antigos até os filósofos atuais, mesmo um adversário um pouco mais forte do que o Sr.

Dühring sentir-se-ia na obrigação de lançar contra ela argumentos que não fossem apenas uma afirmação e umas tantas injúrias.

Certamente, desde que nos limitemos a focalizar as coisas como se fossem estáticas e inertes, contemplando-as isoladamente, cada uma de per si, no tempo e no espaço, não descobriremos nestas coisas nenhuma contradição. Encontrar-nos-emos com determinadas propriedades, umas comuns e outras diferentes e até mesmo contraditórias entre si, mas que não encerram uma contradição verdadeira uma vez que esta se encontra distribuída entre diversos objetos. Nos limites desta zona de observação podemos aplicar o método vulgar da metafísica sem nenhum perigo. Mas a coisa é diferente se quisermos focalizar os objetos dinamicamente, acompanhando-os em sua mobilidade, vendo-os transformar-se, viver, e influir uns sobre os outros. Ao pisar neste terreno, cairemos imediatamente numa série de contradições. O próprio movimento, por si mesmo, é uma contradição; o deslocamento mecânico de um lugar para outro somente pode ser realizado por estar um corpo, ao mesmo tempo, no mesmo instante, num e noutra lugar e também pelo fato de estar e não estar o corpo ao mesmo tempo no mesmo local. A sucessão continua de contradições desse gênero, ao mesmo tempo formadas e solucionadas, é precisamente o que constitui o movimento.

Temos, pois, diante de nós, uma contradição "que existe objetivamente e que pode ser apalpada, digamos, de um modo corporal, nas coisas e nos próprios fenômenos". Que diz a este respeito o Sr. Dühring? O Sr. Dühring afirma que, até hoje, "na mecânica racional não se encontra nenhuma ponte que ligue o estritamente estático e o dinâmico". O leitor, finalmente, perceberá agora o que está oculto por detrás dessa frase da predileção do Sr. Dühring e que se resume no seguinte: A inteligência que só sabe pensar metafisicamente não pode, de modo algum, passar da ideia do repouso à ideia do movimento, porque o obstáculo da contradição lhe barra o caminho. Para os que assim pensam, o movimento é, como contradição, alguma coisa de totalmente inconcebível. E ao afirmar que o movimento é inconcebível dá como reconhecida, sem querer, a existência dessa contradição, reconhecendo, portanto, a existência de uma contradição que se encontra objetivamente nas coisas e nos fenômenos e, além disso, que esta contradição é uma força efetiva.

E, se o simples movimento mecânico, a simples mudança de um para outro lugar, contém uma contradição, suponha-se então a série de contradições que estarão contidas nas formas superiores de movimento da matéria, e, em particular, na vida orgânica e na sua evolução. Vimos atrás que a vida consiste, precisamente, essencialmente, em que um ser é, no mesmo instante, ele mesmo e outro. A vida não é, pois, por si mesma, mais que uma contradição encerrada nas coisas e nos fenômenos, e que se está produzindo e resolvendo incessantemente: ao cessar a contradição, cessa a vida e sobrevem a morte. Vimos também como, no próprio mundo do pensamento, não poderíamos estar livres de contradições, como, por exemplo, a contradição entre a capacidade de conhecimento do homem, ilimitada interiormente e a sua existência real, no seio de um conjunto de homens, cujo conhecimento é limitado e finito exteriormente. Essa contradição, no entanto, se resolve na sucessão infinita, pelo menos para nós, das gerações, num progresso ilimitado.

Como já vimos, uma das bases fundamentais das matemáticas superiores é, precisamente, a contradição, que consiste em equiparar, em certas circunstâncias, as retas às curvas. Uma outra contradição das matemáticas superiores é a que se observa quando se cruzam duas linhas; estas, na distância de cinco ou seis centímetros do ponto de interseção, se tornam linhas paralelas, que, por mais que se prolonguem, até o infinito, não se hão de encontrar. Entretanto, é por estas contradições e por outras, ainda mais acentuadas, não só que se encontram resultados exatos, como também se alcançam resultados perfeitamente inexeqüíveis nos limites das matemáticas inferiores. Não nos é necessário, todavia, sair dos quadros limitados destas matemáticas inferiores, para encontrar contradições em todos os terrenos. Não há uma contradição, por acaso, no fato de que uma raiz de A seja uma potência de A , e, ainda mais, que encontremos:

Não há uma contradição no fato de que uma grandeza negativa não possa ser quadrado de nenhuma outra, embora toda grandeza negativa multiplicada por si mesma dê um quadrado positivo? A raiz quadrada de menos um (-1) é, pois, não somente uma contradição, mas simplesmente uma contradição absurda, um verdadeiro contra-senso. Entretanto, é, em muitos casos, o resultado necessário de uma operação matemática exata; e mesmo, onde estariam as

matemáticas, tanto as elementares como as superiores, se lhes fosse proibido operar com a raiz quadrada de menos um?

As próprias matemáticas, ao tratar das operações sobre grandezas variáveis, penetram no terreno dialético, e é significativo o fato de que foi o filósofo dialético Descartes quem levou este progresso ao campo das matemáticas. Pois bem; a relação que existe entre as matemáticas das grandezas variáveis e as de grandezas invariáveis, é a mesma que medeia entre a lógica dialética e a metafísica. Isso não impede, de modo algum, que a grande maioria dos matemáticos não aceite a dialética fora desses limites e não poucos deles continuem a servir-se dos métodos obtidos pelo método dialético, à maneira antiga, limitada e metafísica.

Poderíamos deter-nos a examinar mais de perto o antagonismo de forças do Sr. Dühring e a esquemática antagônica do mundo, se, sobre esse assunto, ele nos oferecesse alguma coisa a mais que simples frases. Depois de as ter formulado, não sabe o nosso autor apresentar esse antagonismo em ação, nem uma só vez, na esquemática do mundo, nem na filosofia da natureza. Esta é a maior prova de que o Sr. Dühring nada sabe fazer de positivo com "esta forma fundamental de todas as ações na existência do mundo e dos seres que o habitam". Quando se tem conhecimento de como se reduziu a "teoria do ser" de Hegel a esta vulgaridade de forças que se movimentem em direção determinada, mas não por um processo de contradições. o melhor que se tem a fazer é evitar cuidadosamente qualquer aplicação de um tal lugar comum.

Um outro pretexto em que se apoia o Sr. Dühring para dar vazão à sua cólera antidialética é O Capital de Marx. "Falta de lógica natural e inteligível, que serve para evidenciar os labirintos e arabescos de ideias retorcidamente dialéticas... Ao trecho que temos em nossa frente deve ser aplicado o princípio de que, em certos casos e mesmo de modo geral, (!) em conformidade com o conhecido preconceito filosófico, deve encontrar-se o todo em cada uma das coisas e cada uma das coisas deve ser encontrada no todo e, de acordo com esta ideia de mistura e confusão, tudo é, em última análise, uno." Isso quer dizer que, penetrando no "conhecido preconceito filosófico", o Sr. Dühring pode prever com absoluta segurança qual será o "fim" de toda a filosofia econômica marxista, e, portanto, qual o conteúdo dos restantes volumes de O Capital faz essa declaração sete linhas depois de ter afirmado que "entretanto, não há realmente nenhuma maneira de se saber o que virá de fato, falando como homem e como alemão, nos dois volumes."

Não é a primeira vez que as obras do Sr. Dühring se vêem incluídas entre as "coisas" em que "o contraditório existe objetivamente e pode ser apalpado, digamos, de um modo corporal". Isso não impede, entretanto, de prosseguir num tom triunfal: "É de se esperar, todavia, que a verdadeira lógica triunfará sobre a sua caricatura... O ar doutoral e a banalização dos mistérios dialéticos não tentarão àqueles que conservam um pouco de senso comum e não se deixam envolver por essas algaravias de pensamento e de estilo... Na agonia destes últimos restos das tolices dialéticas, perderão estes processos de mistificação, a sua enganosa influência... e já ninguém se considerará obrigado a se atormentar na procura de uma profunda sabedoria lá onde, uma vez posto a nu o núcleo de todas essas artimanhas retorcidas, encontraremos, na melhor das hipóteses, vestígios de teorias vulgares ou, então, lugares comuns... É absolutamente impossível reproduzir os labirintos (de Marx) referentes à teoria do Logos, sem que se tenha de prostituir a lógica verdadeira". O método de Marx consiste em "realizar milagres dialéticos, para pasmo dos seus crentes", etc., etc.

Também aqui se cogita de analisar a exatidão ou a falsidade dos resultados econômicos a que chegam as investigações de Marx, mas apenas se analisa o método dialético por ele aplicado. Pode-se bem afirmar que a maioria dos leitores de O Capital começaram só agora a tomar conhecimento do que na realidade leram, graças ao Sr. Dühring. E, entre esses leitores, se encontra o próprio Sr. Dühring que, em 1867 (Ergänzungsblätter, III, caderno 3) pode, todavia, fazer um resumo deste livro, relativamente racional para um pensador de seu calibre, sem se sentir na obrigação de traduzir o desenvolvimento da obra de Marx em termos dühringianos, como agora acredita indispensável. Embora já naquela época incorresse no deslize de confundir a dialética marxista com a hegeliana, não tinha ainda perdido por completo a capacidade de distinguir o método dos resultados conseguidos por meio dele, nem tampouco o dom de compreender que, para refutar de um modo concreto estes resultados, não basta lançar por terra, de um modo geral, o método.

Mas a verdadeira surpresa que nos tinha reservado o Sr. Dühring é a de que, do ponto de vista marxista, "em última análise tudo é uno", ou seja, que, para Marx, por exemplo, capitalistas e operários assalariados, regimes de produção feudal, capitalista e socialista, "tudo é uno" e acabamos, no fim de contas, por concluir que Marx e o Sr. Dühring são também uno e o mesmo.

Para não cair em tal tolice e em semelhante simplismo, não temos mais que um caminho, que é o de supor que, pronunciando a palavra "dialética", o Sr. Dühring se vê transportado automaticamente para um estado de irresponsabilidade, no qual, partindo de uma ideia de balbúrdia e confusão, acaba por achar que tudo é a mesma coisa, parecendo-lhe que é "um todo" tudo quanto diz e faz.

Temos aí uma prova do que o Sr. Dühring chama "o meu grandioso sentido histórico" ou, como diz noutra Parte, "o processo sumário que ajusta contas com a espécie e com o tipo sem, entretanto, se dignar a descer até prestar honrarias ao que Hume chamava a plebe erudita, pondo a nu a sua ignorância com uma minuciosidade microscópica"; este processo que é "no mais alto e mais nobre dos estilos, o único admitido pelos interesses da verdade plena e que é compatível com os deveres para com o público não arregimentado". A verdade é que o grandioso sentido histórico e essa liquidação sumária de contas "com a espécie e com o tipo" são bastante cômodos para o Sr. Dühring pois lhe permitem desprezar, como microscópicos e nulos, todos os fatos concretos, eximindo-se do dever de provar alguma coisa para se limitar a construir frases gerais e lançar afirmações e palavras vistosas. Além disso, esse processo tem a vantagem de não fornecer ao adversário qualquer pretexto material, não lhe deixando, portanto, a menor possibilidade de refutação que não seja a de lançar, por sua vez, umas tantas afirmações sumárias e grandiosas, perdendo-se em frases gerais e respondendo às palavras do Sr. Dühring com outras tantas palavras vistosas, que é o que se pode dizer - devolver a pelota; mas este processo não está no gosto de todos. Devemos por isso solicitar ao Sr. Dühring que, excepcionalmente, abandone o seu estilo alto e nobre para nos oferecer, ao menos, dois exemplos dos erros em que incorre Marx em sua reprovável teoria do Logos.

"Como é cômico, por exemplo, o apelo à ideia nebulosa e confusa de Hegel, de que a quantidade se converte em qualidade e, portanto, de que, ao chegar em determinado limite, uma quantidade aumentada, pelo simples fato de crescer quantitativamente, se converte em capital."

Com efeito, a ideia exposta dessa maneira pelo Sr. Dühring, depois de "podada" cuidadosamente, não se pode negar que é bastante esquisita. Vejamos, porém, que aspecto apresenta a ideia no original, tal como Marx a expõe. Na página 313 (2a. edição de O Capital)

Marx extrai da investigação anteriormente feita sobre o capital constante e o capital variável e sobre a mais-valia, a conclusão de que "nem toda a soma de dinheiro ou de valor, qualquer que seja, pode ser convertida em capital, sem que esta transformação suponha antes, a existência de um determinado mínimo de dinheiro ou de valor de troca nas mãos do possuidor de dinheiro, ou de mercadorias." Dá como exemplo que, num ramo qualquer de trabalho, o operário trabalha para si mesmo 8 horas diárias, ou seja, para criar o valor de seu salário, trabalhando outras 4 horas para o capitalista a fim de produzir a mais-valia que vai então para os seus bolsos. Para isso, deve, necessariamente, existir alguém que disponha de uma soma de valor que lhe permita fornecer aos operários matérias-primas, meios de trabalho e salários, do modo a poder embolsar, todos os dias, a mais-valia necessária para poder viver, pelo menos, tão bem como dois de seus operários. Mas como a produção capitalista não tem como objetivo simplesmente o de viver e se sustentar, mas também, o de incrementar a riqueza, não será suficiente que o nosso empresário tenha esses elementos, para que, utilizando os seus dois operários, seja um verdadeiro capitalista. Para poder viver duas vezes melhor do que um operário comum e para voltar a transformar, além disso, em capital, a metade da mais-valia produzida, deveria dar trabalho a oito operários, possuindo, portanto, quatro vezes a soma de valor de que tiveram necessidade para sustentar dois trabalhadores. Somente depois de estabelecer estas condições e, de acordo com outros desenvolvimentos chamados a ilustrar e a fundamentar o fato de que não basta uma pequena soma qualquer de valor para que se possa converter em capital, mas que, para isso, um período todo de evolução e um ramo inteiro de produção deverão ultrapassar um determinado limite mínimo, somente depois de tudo isso e em relação a estes fatos é que Marx adianta: "Aqui, como nas ciências da natureza, se comprova a verdade da lei descoberta por Hegel em sua Lógica, segundo a qual, ao chegar a um determinado ponto, as mudanças meramente quantitativas se convertem em variações qualitativas."

Poderá o leitor, agora, admitir o alto e nobilíssimo estilo que permite ao Sr. Dühring, atribuir a Marx justamente o contrário do que ele na realidade diz. Marx afirma que o fato de uma soma do valor poder se converter em capital somente quando ultrapassa um limite mínimo, que varia segundo as circunstâncias, mas que, em cada caso, é um limite concreto, que esse fato prova a verdade da lei hegeliana. E que é que o Sr. Dühring diz sobre essa afirmação? O

seguinte: "Porque, de acordo com a lei formulada por Hegel a quantidade se transforma em qualidade, por isso e em virtude disso, é que uma quantidade aumentada, ao chegar a um determinado ponto, se converte em capital. Como vemos, é justamente o contrário.

Quando examinávamos a crítica que o Sr. Dühring fazia de Darwin, tivemos ocasião de conhecer esse método, que consiste em falsear as citações, sem dúvida porque assim o exige "o interesse da verdade plena" e assim o reclamam os "deveres para com o público não arregimentado". Essa prática constitui uma necessidade interna arraigada na filosofia da realidade. O que não se pode negar é que ela oferece, a quem a maneja, um processo bastante "sumário". Além disso, o Senhor Dühring apresenta as coisas como se Marx tivesse falado de uma "quantidade aumentada" qualquer, quando, na realidade, se trata, concretamente, de uma quantidade invertida em matérias-primas, instrumentos de trabalho e salário. O Sr. Dühring as prepara de modo a que apareçam nos lábios de Marx como um puro absurdo, e, logo depois, comete a desfaçatez de considerar "cômico" e ridículo o absurdo que ele mesmo acaba de engendrar. Faz com Marx exatamente a mesma coisa que com Darwin. Constrói um Marx imaginário, feito à medida de suas forças, para poder, logo depois, triunfar sobre ele. Não resta dúvida de que o seu "caráter histórico" é "grandioso".

Mais atrás, ao examinarmos a esquemática do mundo, vimos que, com o Sr. Dühring, se tinha passado a quase desgraça de ter reconhecido e aplicado, num momento de debilidade, essa linha nodal de desproporções, como a chama Hegel, na qual, em certos pontos, as transformações quantitativas se convertem de repente em saltos qualitativos. Citávamos um dos exemplos mais conhecidos: o da transformação dos estados da agregação da água que, sob a pressão normal do ar, ao chegar a zero centígrado, se converte de um corpo líquido em corpo sólido e aos 100º, de líquido em gasoso, caso esse que demonstra como, ao alcançar esses dois pontos decisivos, uma simples mudança quantitativa de temperatura provoca uma transformação qualitativa no corpo.

Centenas de casos como estes, tomados da natureza ou da sociedade humana, poderiam ser lembrados para demonstração dessa lei. Assim, por exemplo, em O Capital de Marx, toda a seção 4a., dedicada ao estudo da produção da mais-valia relativa ao âmbito da corporação, da divisão do trabalho, e da manufatura, da maquinaria e da grande indústria, contém inúmeros

casos de simples mudanças quantitativas que fazem transformar-se a qualidade e, de mudanças quantitativas que fazem com que se transforme a qualidade das coisas podendo-se dizer, portanto, para usar uma expressão que tanta indignação provoca no Sr. Dühring, que a quantidade se converte em qualidade e vice-versa. Temos, por exemplo, o fato de que a colaboração de muitas pessoas, a fusão de muitas forças numa só força total, cria, como diz Marx, uma "nova potência de forças" que se diferencia, de modo essencial, da soma das forças individuais associadas.

Para sua maior perplexidade, no trecho que, no interesse da verdade plena, o Sr. Dühring virou às avessas, Marx acrescenta a seguinte observação: "A teoria molecular, aplicada à química moderna e desenvolvida cientificamente pela primeira vez por Laurent e Gerhardt, descansa nesta mesma lei." O que conclui de tudo isso o Sr. Dühring? Ele sabe que "ali, onde, como acontece ao Sr. Marx, e a seu rival Lassalle, a ciência sob medidas, aliada a um pouco de filosofia rasteira, forma o mesquinho arcabouço das pretensões eruditas, ali é que se nota, precisamente, uma maior ausência dos elementos eminentemente modernos de cultura, que são os métodos das ciências naturais"; ao contrário disso, o Sr. Dühring toma sempre por base de suas investigações, como já vimos, "os dados, fundamentais das ciências exatas no campo da mecânica, da física, da química", etc. Entretanto, para que também possam os outros julgar, com pleno conhecimento de causa, vamos examinar um pouco mais detidamente o exemplo que Marx deu em sua nota.

Trata-se das séries homólogas de combinações de carbono, muitas das quais já são conhecidas, cada uma delas tendo a sua própria forma algébrica sintética. Assim, pois, Se, do mesmo modo que os químicos, chamarmos um, átomo de carbono de C, um átomo de hidrogênio de H um átomo de oxigênio de O e por n o número dos átomos de carbono encerrados em cada combinação, podemos expor as fórmulas moleculares de algumas dessas séries, do seguinte modo:

Série da parafina normal: $C_nH_{2n} + 2$

Série de alcooes primários: $C_nH_{2n} + 2O$

Série dos ácidos graxos monobásicos: $C_nH_{2n} O_2$.

Se tomarmos como exemplo a última dessas séries e adotarmos, sucessivamente, $n=1$, $n=2$, $n=3$, etc., teremos os seguintes resultados (deixando de pôr os isômeros):

ácido fôrmico - CH_2O_2 - ponto de ebulição: 100° - ponto de fusão: 1°
ácido acético - $\text{C}_2\text{H}_4\text{O}_2$ - ponto de ebulição: 118° - ponto de fusão: 17°
ácido propiônico - $\text{C}_3\text{H}_6\text{O}_2$ - ponto de ebulição: 140° - ponto de fusão: -
ácido butirico - $\text{C}_4\text{H}_8\text{O}_2$ - ponto de ebulição: 162° - ponto de fusão: -
ácido valeriânico - $\text{C}_5\text{H}_{10}\text{O}_2$ - ponto de ebulição: 175° - ponto de fusão: -

e assim sucessivamente, até chegar ao ácido melíssico ($\text{C}_{30}\text{H}_{60}\text{O}_2$) que não se funde até os 80° e não tem ponto de ebulição pela simples razão de que esse ácido se decompõe ao se evaporar. Temos, pois, aqui, toda uma série de corpos qualitativamente distintos, formados pela simples adição quantitativa de elementos que são, além do mais, agregados sempre na mesma proporção. Esse fenômeno ainda se torna mais claro quando todos os elementos, que entram na composição, variam na mesma proporção e na mesma quantidade, como acontece com a série das parafinas normais ($\text{C}_n\text{H}_{2n+2}$). A primeira fórmula é o metano (CH_4) que é um gás; a fórmula mais elevada que se conhece é o hecdecano ($\text{C}_{16}\text{H}_{34}$), corpo sólido formado por cristais incolores, que se funde a 21° , e que só atinge o seu ponto de ebulição a 278° . Em ambas as séries basta acrescentar CH_2 ou seja, um átomo de carbono e dois de hidrogênio, à fórmula molecular do membro anterior da série, para que se tenha um corpo novo; donde se conclui que uma mudança puramente quantitativa da fórmula molecular faz surgir um corpo qualitativamente diferente.

E estas séries são apenas um exemplo fácil e palpável; em quase todos os campos da química, a começar pelos diferentes óxidos de nitrogênio ou pelos diversos oxiácidos de fósforo ou de enxofre, pode-se observar, a cada passo, como a quantidade se converte em qualidade e como esta, que se considera como uma ideia nebulosa e confusa de Hegel, pode ser tocada corporalmente, por assim dizer, nas coisas e nos fenômenos, sem que exista a menor confusão nem a menor nebulosidade a não ser na cabeça do Sr. Dühring. O fato de ter sido Marx o

primeiro que pôs em relevo esse fenômeno e o fato de ser o Sr. Dühring capaz de ler essa argumentação sem entendê-la, nem superficialmente, pois, se a tivesse entendido, não teria cometido essa inaudita atrocidade, bastam para tornar claro, sem que seja preciso recapitular a famosa filosofia dühringuiana da natureza, se é Marx ou Dühring que sente falta, neste terreno, dos "elementos eminentemente modernos de cultura que são os métodos das ciências naturais", qual dos dois conhece, e qual ignora os "dados fundamentais... da química".

Para terminar este capítulo vamos dar um testemunho final a favor da mudança da quantidade em qualidade: o testemunho de Napoleão. Napoleão descreve o combate travado entre a cavalaria francesa, cujos soldados eram pouco afeitos à equitação, mas que eram, no entanto, disciplinados, e os mamelucos, cuja cavalaria era a melhor do seu tempo para os combates individuais, mas que eram indisciplinados. Eis o que nos diz Napoleão: "Dois mamelucos sobrepujavam, indiscutivelmente, a três franceses; 100 mamelucos faziam frente a 100 franceses; 300 franceses venciam 300 mamelucos e 1.000 franceses derrotavam, inevitavelmente, 1.500 mamelucos". Da mesma forma que, em Marx, a soma do valor de troca tinha que alcançar um limite mínimo determinado, embora variável, para se converter em capital, vemos que, na descrição napoleônica, o destacamento de cavalaria tem que alcançar um determinado limite mínimo para que a força da disciplina que se encerra na ordem unida de combate, e no emprego das forças, com base num só plano, possa se manifestar e se desenvolver até o ponto de poder aniquilar massas numericamente superiores de uma cavalaria irregular, composta de melhores montarias e de soldados tão bravos pelo menos quanto os outros. Que nos diz sobre isso o Sr. Dühring? Não acabou por sucumbir Napoleão na sua luta contra a Europa? Não sofreu ele derrotas sobre derrotas? Por que foi derrotado Napoleão? Pura e exclusivamente por ter desejado aplicar à tática da cavalaria a confusa e nebulosa ideia de Hegel...



Capítulo XIII - Negação da Negação

"Este esboço histórico (o da gênese da chamada acumulação primitiva do capital, na Inglaterra) é, até agora, o que há de melhor, relativamente, no livro de Marx e ainda poderia ter sido melhor se não se apoiasse na agudeza erudita e, além disso, na dialética. Recorre à negação da negação de Hegel para que ponha a seu serviço, na falta de meios mais claros e melhores, os seus serviços de Parteira, ajudando-o a fazer brotar o futuro das entranhas do passado. A abolição da propriedade individual, que se processou, por esse modo, a partir do século XVI, é a primeira negação. Esta, será seguida por outra, caracterizada como negação da negação e, portanto, como a restauração da "propriedade individual", mas de uma forma mais elevada, baseada na propriedade comum do solo e dos instrumentos de trabalho. O fato de o Sr. Marx qualificar, em seguida, esta nova "propriedade individual" também com o nome de "propriedade social", revela a unidade hegeliana de caráter superior, na qual a contradição, conforme se verifica, fica cancelada; ou seja, de acordo com o já conhecido jogo de palavras, a contradição

se mantém, ainda que superada. A expropriação dos expropriadores é, de acordo com isso, o resultado automático da realidade histórica, em suas circunstâncias materiais externas... Naturalmente, nenhuma pessoa que reflita deixar-se-á convencer só por terem sido invocados os disparates de Hegel, e a negação da negação nada mais é que um dos tantos, da necessidade de se implantar a comunidade da terra e dos capitais... Além disso, a nebulosa ambigüidade das ideias de Marx não surpreenderá a quem já sabe que ela pretende rimar com a dialética de Hegel, tomando-a como sua base científica, ou melhor, tomando como conclusão o absurdo a que nos querem levar. Para quem desconhece estes trechos, advertiremos que a primeira negação é, em Hegel, a ideia do pecado original do Catecismo e a segunda é a ideia de uma unidade superior que conduz à redenção do homem. E, sobre uma farsa desse gênero, tomada à religião, não se pode, facilmente, fundar a lógica dos fatos. O Sr. Marx se obstina em permanecer no mundo nebuloso de sua propriedade ao mesmo tempo individual e social, deixando que os seus adeptos resolvam por si esse profundo enigma da dialética." Assim fala o Sr. Dühring.

Isto quer dizer que Marx não consegue provar a necessidade da revolução social, a necessidade da instauração de um regime de produção comum da terra e dos instrumentos de produção criados pelo trabalho, a não ser pela invocação do critério hegeliano da negação da negação; e, fundamentando a sua teoria socialista "nesta farsa tomada à religião", conclui que na sociedade futura será implantada "uma propriedade ao mesmo tempo individual e social", que é a unidade superior hegeliana a que terá que atingir a contradição superada.

Deixemos por um momento a negação da negação e analisemos, mais de perto, essa "propriedade ao mesmo tempo individual e social". O Sr. Dühring nos diz que é "um mundo nebuloso" e, ainda que pareça estranho, dessa vez ele está com a razão. O pior é que, como sempre, não é Marx que vive extraviado nesse mundo nebuloso, mas, de fato, é o próprio Sr. Dühring. Com efeito, como já vimos, o seu desembaraço no manejo do método hegeliano do "delírio", permitiu-lhe definir, sem dificuldade, o que conteriam os volumes ainda não publicados de O Capital, e ainda aqui lhe é fácil retificar Marx de acordo com Hegel, atribuindo-lhe a unidade superior de uma propriedade sobre a qual Marx não disse uma só palavra.

Eis o texto de Marx: "É a negação da negação. Esta, restaura a propriedade individual, mas baseada nas conquistas da era capitalista, baseada na cooperação de operários livres e na sua

propriedade coletiva sobre a terra e sobre os meios de produção produzidos pelo próprio trabalho. A transformação da propriedade privada e dispersa dos indivíduos que é baseada no seu próprio trabalho, em propriedade privada capitalista é, naturalmente, um processo incomparavelmente mais difícil, mais duro e mais trabalhoso que a transformação da propriedade privada capitalista, repousada de fato num regime social de exploração, numa propriedade coletiva." Isto é tudo o que disse Marx. Como se vê, o regime criado pela expropriação dos expropriadores é designado como sendo a restauração da propriedade individual, desde que seja baseada na propriedade social sobre a terra e sobre os meios de produção, produzidos pelo próprio trabalho. Para qualquer pessoa que saiba ler, isto significa que a propriedade coletiva se tornará extensiva à terra e aos demais meios de produção, e a propriedade individual se limitará aos produtos, ou aos objetos destinados ao consumo. E para que essa ideia possa ser compreendida mesmo por crianças que tenham seis anos, Marx, na página 40, fala de "uma associação de homens livres que trabalham com meios comuns de produção e que despendem suas forças de trabalho individuais, conscientemente, como uma força de trabalho social", isto é, de uma associação organizada de forma socialista, e acrescenta: "O produto coletivo da associação é um produto social. Uma Parte desse produto volta a servir como meio de produção. Continua sendo social. Mas uma outra Parte é absorvida como meio de vida pelos membros da associação. Deve, portanto, ser distribuída entre eles." Isto está mais do que claro e até mesmo uma cabeça hegelianizada, como a do Sr. Dühring, deveria compreendê-lo.

A propriedade ao mesmo tempo individual e social, esta ambiguidade confusa, esse absurdo que necessariamente teria que brotar da dialética hegeliana, este mundo nebuloso, esse profundo enigma dialético que Marx deixa para ser resolvido pelos seus adeptos é, naturalmente, como de costume, uma livre e imaginativa invenção do Sr. Dühring. Como suposto hegeliano, Marx deveria nos fornecer, como resultado da negação da negação, uma verdadeira unidade superior, e, como não o fez a gosto do Sr. Dühring, teve este de recorrer mais uma vez ao seu elevado e nobre estilo, atribuindo a Marx, no interesse da verdade plena, coisas que são um genuíno produto das suas elucubrações. Um homem absolutamente incapaz de fazer, ainda que por exceção, uma citação ajustada à verdade, poderá também deixar-se levar, por um acesso de indignação moral, a investir contra a "erudição rebuscada" de outras

peessoas que citam sempre com exatidão e que, justamente por isso, não são capazes de "descobrir" a falta de penetração no conjunto das ideias dos autores citados". Mas o Sr. Dühring tem razão! Assim escrevem a história os historiadores de "sentido histórico grandioso"! Até aqui, partimos do suposto de que as citações falsas, nas quais O Sr. Dühring insiste, pelo menos, não atentavam contra a boa fé, mas eram devidas a uma incapacidade total de compreensão por Parte de quem as empregava, ou talvez a uma propriedade característica dos que escrevem a história com um "sentido grandioso", propriedade que, noutra pessoa, se chamaria de um mau costume de, por preguiça, fazer citações de memória. Mas parece que chegou o momento em que o Sr. Dühring também se converte de quantidade em qualidade. Com efeito, se tomarmos em consideração que a frase de Marx é, por si mesma, perfeitamente clara, ainda poderíamos completá-la com um outro trecho da mesma obra, caso fosse necessário, de modo a não deixar lugar a dúvida. É preciso que se saiba que, na crítica a O Capital, quer a publicada na obra a que nos referimos atrás, quer a que está contida na primeira edição da História crítica, em nenhuma das duas consegue o Sr. Dühring descobrir esse monstro da "propriedade ao mesmo tempo individual e social", mas apenas adverte o leitor, na segunda edição de seu livro, e, assim mesmo, depois de uma terceira leitura que se fizer. Nesta segunda edição, refundida à maneira socialista, o Sr. Dühring mostrou grande interesse em colocar nos lábios de Marx os maiores absurdos possíveis no que se refere à organização futura da sociedade, para que, com isso, ressaltasse ainda mais triunfalmente aquilo que ele chama de "Comuna econômica, por mim esboçada, econômica e juridicamente, em meu Curso". Se tomarmos tudo isso em consideração, teremos forçosamente de concluir que o Sr. Dühring, de um modo deliberado e consciente, "ampliou beneficentemente" - é claro que beneficentemente para ele, - a ideia de Marx.

Vejamos agora que papel desempenha para Marx a negação da negação. Nas páginas 791 e seguintes expõe ele os resultados finais das investigações econômicas e históricas, que constam de cinquenta páginas anteriores, sobre a chamada acumulação primitiva do capital. Antes de sobrevir a era capitalista, dominava, pelo menos na Inglaterra, a pequena indústria baseada na propriedade privada do operário sobre os meios de produção. A chamada acumulação primitiva do capital se caracterizou, nestas condições, pela expropriação desses produtores imediatos, isto é, pela abolição da propriedade privada, baseada no trabalho do próprio produtor. Efetivou-se tal coisa porque aquele regime de pequena indústria era

compatível somente com as proporções mesquinhas e primitivas da produção e da sociedade, engendrando, tão logo os meios materiais de produção atingiram um certo grau de progresso, a sua própria destruição. Esta destruição, que consistiu na transformação dos meios individuais e dispersos de produção em meios de produção socialmente concentrados, constitui a pré-história do capital. A partir do momento em que os operários se transformam em proletários, em que as suas condições de trabalho passam a ter a forma de capital, a partir do instante em que o regime capitalista de produção começa a se mover por sua própria conta, a socialização do trabalho e a mudança do sistema de exploração da terra e dos demais meios de produção, e, portanto, a expropriação dos proprietários privados individuais, é preciso, para continuarem progredindo, que seja adotada uma nova forma.

"Não se trata mais de expropriar o operário que produz por sua própria conta, mas o capitalista explorador de muitos operários. E essa nova expropriação se realiza pelo jogo das leis imanentes da própria produção capitalista, pela concentração dos capitais. Cada capitalista devora muitos outros. E, ao mesmo tempo em que alguns capitalistas expropriam a muitos outros, desenvolve-se, em grau cada vez mais elevado, a forma cooperativa do processo de trabalho, a aplicação técnica e consciente da ciência, sendo a terra cultivada mais metodicamente, os instrumentos de trabalho tendem a alcançar formas que são manejáveis unicamente pelo esforço combinado de muitos, economizam-se os meios da produção, em sua totalidade, ao serem aplicados pela coletividade como meios de trabalho social, o mundo inteiro se vê envolvido na rede do mercado mundial, e, com isso, o regime capitalista passa a apresentar um caráter internacional cada vez mais acentuado. E, deste modo, enquanto vai diminuindo progressivamente o número dos magnatas do capital, que usurpam e monopolizam todas as vantagens desse processo de transformação, aumenta, no polo oposto, proporcionalmente, a pobreza, a opressão, a escravização, a degradação e a exploração. Mas, ao mesmo tempo, cresce a revolta da classe operária e esta se torna cada dia mais numerosa, mais disciplinada, mais unida e organizada pelo próprio método capitalista de produção. O monopólio capitalista transforma-se nas grilhetas do regime de produção que com ele e sob as suas normas floresceu. A concentração dos meios de produção e a socialização do trabalho chegam a um ponto em que se tornam incompatíveis com a sua envoltura capitalista. E a envoltura se desagrega. Soou a hora final da propriedade privada capitalista. Os expropriadores são expropriados."

Após termos transcrito este trecho, perguntamos ao leitor: onde estão os tais labirintos dialéticos e os tais arabescos imaginativos, onde estão estas ideias confusas e embrulhadas, segundo as quais tudo é uno e o mesmo, onde estão estes milagres dialéticos feitos para os crentes, esse emaranhado de enigmas dialéticos e essa deturpação da teoria do Logos de Hegel, sem os quais, Marx, segundo o Sr. Dühring, é incapaz de desenvolver suas doutrinas? Marx demonstra, apoiando-se simplesmente na história, conforme se vê no pequeno trecho transcrito, que, do mesmo modo que, em sua época, a pequena indústria, ao expandir-se, criou, por força de uma necessidade, as condições de sua própria destruição, isto é, as condições para a expropriação dos pequenos proprietários, o atual regime capitalista de produção engendra as condições materiais pelas quais deverá necessariamente perecer. Trata-se de um processo histórico, e pelo fato de ser esse processo não só histórico mas também dialético, por fatal que isso possa parecer ao Sr. Dühring, a culpa não é precisamente de Marx.

Ao chegar a este ponto, depois de desenvolver e esgotar a sua demonstração, baseada na História da Economia, Marx afirma: "O regime capitalista de produção e de apropriação, ou, o que vem a significar a mesma coisa, a propriedade privada capitalista, é a primeira negação da propriedade privada individual, baseada no trabalho do próprio produtor. A negação da produção capitalista surge dela própria, pela necessidade imperiosa de um processo natural. É a negação da negação."

Vemos, assim, que Marx, ao encarar esse fenômeno como um caso de negação da negação, não tem em mente a ideia de demonstrá-lo, por meio desse argumento, como um fenômeno de necessidade histórica. Pelo contrário: somente depois de haver provado historicamente o fenômeno que já se passara parcialmente e que terá necessariamente que se desenvolver daqui por diante, é que o define como um fenômeno sujeito em sua realização, a uma determinada lei dialética. E é suficiente essa explicação. O Sr. Dühring volta a incorrer, pois, num ato de falsificação, quando afirma que a negação da negação se vê aqui obrigada a prestar serviços de Parteira para fazer o futuro surgir das entranhas do passado quando sustenta que Marx se socorre da negação da negação para convencer os seus leitores da necessidade da aplicação do comunismo aos capitais e à terra, o que é; seja dito entre parênteses, uma nova contradição corpórea do Sr. Dühring.

Já supõe uma total ausência de conhecimentos do que é a dialética, o fato de considerá-la o Sr. Dühring como um expediente meramente probatório, que é, aliás, o modo pelo qual as pessoas de horizonte limitado costumam usar a lógica formal ou as matemáticas elementares. A lógica formal também é, antes de mais nada e acima de tudo, um método de perscrutar novos resultados progressivos do conhecido ao desconhecido. Dá-se o mesmo, ainda com um sentido mais evidente, com a dialética que, além disso, rompendo os estreitos horizontes da lógica formal, representa, por si mesma, o germe de uma ampla concepção do mundo. E a mesma coisa ocorre também com as matemáticas. As matemáticas elementares, que operam com grandezas constantes, se movem, pelo menos em termos gerais, dentro das fronteiras da lógica formal; as matemáticas das grandezas variáveis, cujo setor mais importante é o cálculo infinitesimal, não são, em essência, nada mais que a aplicação da dialética aos problemas matemáticos. Aqui, o aspecto puramente probatório fica, de uma vez por todas, relegado a um segundo plano, substituído pela aplicação variada e constante do método a novas zonas de investigação. Mas, a rigor, quase todas as demonstrações das matemáticas superiores, a começar pelas introdutórias ao cálculo diferencial, são falsas do ponto de vista das matemáticas elementares. O mesmo acontecerá, como se pretende aqui, se desejarmos aplicar, por meio da lógica formal, os resultados obtidos no terreno dialético. Querer provar alguma coisa, pela simples dialética, a um metafísico tão declarado como o Sr. Dühring, seria perder tempo, e seria tão infrutífero, como aconteceu quando Leibnitz e seus discípulos quiseram provar, aos matemáticos de sua época, as operações do cálculo infinitesimal. As diferenciais causavam àqueles cavalheiros exatamente a mesma indignação que hoje a negação da negação causa ao Sr. Dühring, na qual, além do mais, a diferencial desempenha, como veremos, um papel de relevo. Aqueles cavalheiros foram, entretanto, pouco a pouco, pelo menos aqueles que sobreviveram àquela etapa, se rendendo à nova doutrina, embora resmungando, não por que esta convencesse, mas por que a verdade se impunha cada dia com mais força. O Sr. Dühring anda pelos quarenta, conforme sua própria informação, e podemos garantir que passará pela mesma experiência que aqueles matemáticos, se alcançar a idade avançada, como é, aliás, nosso desejo.

Mas, afinal, em que consiste essa espantosa negação da negação, que amargura a vida do Sr. Dühring, até o ponto de ver nela um crime imperdoável, algo como se fosse um pecado contra o Espírito Santo a que os cristãos não admitem salvação possível? Consiste, como veremos, num

processo muito simples, que se realiza todos os dias e em todos os lugares, e que qualquer criança pode compreender, desde que o libertemos da envoltura enigmática com que o cobriu a velha filosofia idealista e com que querem continuar cobrindo-o, porque assim lhes convém, os fracassados metafísicos da têmpera do Sr. Dühring. Tomemos, por exemplo, um grão de cevada. Todos os dias, milhões de grãos de cevada são moídos, cozidos, e consumidos, na fabricação de cerveja. Mas, em circunstâncias normais e favoráveis, esse grão, plantado em terra fértil, sob a influência do calor e da umidade, experimenta uma transformação específica: germina. Ao germinar, o grão, como grão, se extingue, é negado, destruído, e, em seu lugar, brota a planta, que, nascendo dele, é a sua negação. E qual é a marcha normal da vida dessa planta? A planta cresce, floresce, é fecundada e produz, finalmente, novos grãos de cevada, devendo, em seguida ao amadurecimento desses grãos, morrer, ser negada, e, por sua vez, ser destruída. E, como fruto desta negação da negação, temos outra vez o grão de cevada inicial, mas já não sozinho, porém ao lado de dez, vinte, trinta grãos. Como as espécies vegetais se modificam, com extraordinária lentidão, a cevada de hoje é quase igual à de cem anos atrás. Mas tomemos, em vez desse caso, uma planta de ornamentação ou enfeite, por exemplo, uma dália ou uma orquídea. Se tratarmos a semente e a planta que dela brota, com os cuidados da arte da jardinagem, obteremos como resultado deste processo de negação da negação, não apenas novas sementes, mas sementes qualitativamente melhoradas, capazes de nos fornecer flores mais belas; cada repetição deste processo, cada nova negação da negação, representará um grau a mais nesta escala de aperfeiçoamento. E um processo semelhante se dá com a maioria dos insetos, como, por exemplo, com as mariposas. Nascem, estas, também, do ovo, por meio da negação do próprio ovo, destruindo-o, atravessando depois uma série de metamorfoses até chegar à maturidade sexual, se fecundam e morrem por um novo ato de negação, tão logo se consume o processo de procriação, que consiste em pôr a fêmea os seus numerosos ovos. Por enquanto nada mais nos interessa, nem que não apresente o processo a mesma simplicidade noutras plantas e animais, que não produzem uma, mas várias vezes, sementes, ovos ou crias. antes que lhes sobrevenha a morte; a única coisa que nos interessa é demonstrar que a negação da negação é um fenômeno que se dá realmente nos dois reinos do mundo orgânico, o vegetal e o animal. E não somente nestes reinos. Toda a geologia não é mais que uma série de negações negadas, uma série de desmoronamentos de formações rochosas antigas, sobrepostas umas às outras, e de justaposição de novas formações. A sucessão começa porque a crosta terrestre

primitiva, formada pelo resfriamento da massa fluida, vai-se fracionando pela ação das forças oceânicas, meteorológicas e químico-atmosféricas, formando-se, assim, massas estratificadas no fundo do mar. Ao emergir, em certos pontos, as matérias do fundo do mar à superfície das águas, Parte destas estratificações se vêm submetidas novamente à ação da chuva, às mudanças térmicas das estações, à ação do hidrogênio e dos ácidos carbônicos da atmosfera; e a essas mesmas influências se acham expostas as massas pétreas fundidas e logo depois esfriadas que, brotando do seio da terra, perfuram a crosta terrestre, Durante milhares de séculos vão se formando, dessa forma, novas e novas camadas que, por sua vez, são novamente destruídas em sua maior Parte e, algumas vezes, são utilizadas como matéria para a formação de outras novas camadas. Mas o resultado é sempre positivo em qualquer hipótese: a formação de um solo onde se misturam os mais diversos elementos químicos num estado de pulverização mecânica, que permite o desenvolvimento da mais extensa e variada vegetação.

Com as matemáticas ocorre exatamente o mesmo fato. Tomemos uma qualquer grandeza algébrica, por exemplo a . Se a negarmos, teremos $-a$ (menos a). Se negarmos esta negação, multiplicando $-a$ por $-a$, teremos $+a^2$, isto é, a grandeza positiva da qual partimos, mas num grau superior elevada à segunda potência. Mas aqui não nos interessa que a este resultado (a^2) se possa chegar multiplicando a grandeza positiva a por si mesma, pois a negação negada é algo que se acha tão arraigado na grandeza a^2 , que esta encerra, sempre e de qualquer modo, duas raízes quadradas, a saber: a do a e $-a$. E esta impossibilidade de nos desprendermos da negação negada, da raiz negativa contida no quadrado, toma, nas equações dos quadrados, um caráter de evidência marcante. Entretanto é maior ainda a evidência com que se nos apresenta a negação da negação na análise superior, nessas "somadas de grandezas ilimitadamente pequenas" que o próprio Sr. Dühring considera como as supremas operações das matemáticas e que são as que vulgarmente chamamos de cálculo diferencial e integral. Como se desenvolvem essas operações de cálculo Suponhamos, como exemplo, que, num problema qualquer que nos foi dado para resolver, há duas grandezas variáveis x e y , nenhuma das quais pode variar sem que varie também a outra, na proporção que as circunstâncias determinem. Começamos, então, por diferenciar as duas grandezas, x e y isto é, por supor que são tão infinitamente pequenas que desaparecem, comparadas com qualquer outra grandeza real, por pequena que seja, não restando, portanto, de x e y nada mais que sua razão ou proporção, despojada, por assim dizer,

de toda a base material, reduzida a uma relação quantitativa da qual se eliminou a quantidade dy/dx , isto é, a razão ou proporção das duas diferenciais de x e y , se reduz, portanto, a $0/0$, mas esta fórmula - nada mais é que a expressão da fórmula y/x . Observamos, de passagem, que esta razão ou proporção entre duas grandezas eliminadas, bem como o momento exato em que se eliminam, é uma contradição; mas esta contradição não nos deve desorientar, como não desorientou os matemáticos de dois séculos atrás. Pois bem, que fizemos neste problema, além de negar as grandezas x e y , mas negá-las não nos descartando delas, que é o modo pelo qual a nega a metafísica, mas sim negando-as de um modo que se ajusta à realidade da situação? Substituímos as grandezas x e y pela sua negação, chegando, assim, em nossas fórmulas ou equações a dx e dy . Isso feito, seguimos nossos cálculos operando com dx e dy como grandezas reais, embora sujeitas a certas leis de exceção e ao chegar a um determinado momento, negamos a negação, isto é, integramos a fórmula diferencial, obtendo novamente, em vez de dx e dy , as grandezas reais x e y . E, ao fazê-lo, não tornaremos a nos encontrar no ponto do qual partimos, mas teremos resolvido o problema contra o qual se debateram, em vão, por outros caminhos, a geometria e a álgebra elementares.

O mesmo acontece com a História. Todos os povos civilizados têm em sua origem a propriedade coletiva do solo. E. em todos esses povos, ao penetrar numa determinada fase primitiva, o desenvolvimento da agricultura, a propriedade coletiva converte-se num entrave para a produção. Ao chegar a este momento, a propriedade coletiva se destrói, se nega, convertendo-se, após etapas intermediárias mais ou menos longas, em propriedade privada. Mas, ao chegar a uma fase mais elevada de progresso no desenvolvimento da agricultura, fase essa que se alcança justamente devido à propriedade privada do solo, esta, por sua vez, se converte num obstáculo para a produção, conforme hoje se observa no que se refere à grande e à pequena propriedade. Nestas circunstâncias, surge, por força da necessidade, a aspiração de negar também a propriedade privada e de convertê-la novamente em propriedade coletiva. Mas esta aspiração não tende exatamente a restaurar a primitiva propriedade comunal do solo, mas a implantar uma forma muito mais elevada e mais complexa de propriedade coletiva que, longe de criar uma barreira ao desenvolvimento da produção, deverá acentuá-lo, permitindo-lhe explorar integralmente as descobertas químicas e as invenções mecânicas mais modernas.

Tomemos outro exemplo. A filosofia antiga era uma filosofia materialista, porém primitiva e

rudimentar. Esse materialismo não seria capaz de explicar claramente as relações entre o pensamento e a matéria. A necessidade de se chegar a conclusões claras a respeito desse problema, levou à criação da teoria de uma alma separada do corpo e logo depois se passou à afirmação da imortalidade da alma e, por fim, ao monoteísmo. Desse modo, o materialismo primitivo se via negado pelo idealismo. Mas, com o desenvolvimento da filosofia, também o idealismo se tornou insustentável e, por sua vez, teve de ser negado pelo materialismo moderno. Este não é, entretanto, como negação da negação, a mera restauração do materialismo primitivo, mas, pelo contrário, corresponde à incorporação, às bases permanentes deste sistema, de todo o conjunto de pensamentos, que nos provêm de dois milênios de progressos no campo da filosofia e das ciências naturais e da história mesma destes dois milênios. Não se trata já de uma filosofia, mas de uma simples concepção do mundo, de um modo de ver as coisas, que não é levado à conta de uma ciência da ciência, de uma ciência à Parte, mas que tem, pelo contrário, a sua sede e o seu campo de ação em todas elas. Vemos, pois, como a filosofia é, desse modo, "cancelada", isto é, "superada ao mesmo tempo que mantida"; superada, com relação à sua forma; conservada, quanto ao seu conteúdo. Pois ali onde o Sr. Dühring não vê mais que "um jogo de palavras", se esconde, para quem sabe ver as coisas, um conteúdo e uma realidade.

Finalmente, até a teoria rousseuniana da igualdade, que tem apenas um eco apagado e falseado nas futilidades do Sr. Dühring, foi incapaz de se constituir sem os serviços de Parteira da negação da negação hegeliana: e isto, mais de 20 anos antes do nascimento de Hegel. Longe de se envergonhar de tal coisa, essa teoria exhibe, quase ostensivamente, em sua primeira versão, a marca de suas origens dialéticas. No estado de natureza e de selvageria, os homens eram iguais; e como Rousseau considera já a linguagem uma deturpação do estado de natureza, tem razão quando aplica o critério da igualdade, assim como, ao mesmo tempo, pretendeu classificar hipoteticamente, como homens-bestas, sob a designação de "alalos" (seres privados de fala). Mas estes homens-bestas, iguais entre si, levavam sobre os outros animais a vantagem de serem animais perfectíveis, de terem capacidade de desenvolvimento; eis onde está, segundo Rousseau, a fonte da desigualdade. Rousseau vê, assim, no nascimento da desigualdade um progresso, mas este progresso é contraditório, pois implica, ao mesmo tempo, num retrocesso. "Todos os demais progressos (a partir do estado primitivo da natureza) foram, aparentemente, outros tantos dados para o aperfeiçoamento do indivíduo humano", mas, na realidade, o que o

progredia era a decadência da espécie. A elaboração dos metais e o fomento da agricultura foram as duas artes, cuja descoberta provocou esta grande revolução". (Rousseau se refere à transformação das florestas virgens em terras e campos de trabalho, à generalização da miséria e da escravidão, como efeito da implantação da propriedade)."Para o poeta, o ouro e a prata, assim como para o filósofo o ferro e o trigo, civilizaram o homem e arruinaram o gênero humano". Cada novo avanço da civilização é, por sua vez, um novo avanço da desigualdade. Todas as instituições que nascem nas sociedades, no decorrer do processo de civilização, se convertem no inverso de sua primitiva finalidade. "É indiscutível, sendo uma lei fundamental de todo o direito político, que os povos começaram por aceitar príncipes que protegessem a sua liberdade e não que a destruíssem. Entretanto, esses príncipes se converteram, por força da necessidade, em opressores dos povos que deveriam proteger, e levaram essa opressão até um ponto em que a desigualdade, elevada ao máximo, tem que se converter novamente no contrário do que é, isto é, em fonte de igualdade: frente ao déspota, todos os homens são iguais, pois todos se reduzem a zero. "Ao chegar a essa fase, o grau máximo de desigualdade é o ponto final que, fechando o ciclo, toca já o ponto inicial do qual partimos: ao chegar a este ponto, todos os homens são iguais, pelo fato de serem nada e, como súditos, têm todos, como única lei, a vontade de seu Senhor". Mas o déspota é Senhor somente quando tem em suas mãos a força e, por isso, "no caso de ser derrotado, não pode se queixar de ter sido derrotado pelo uso da força..." "A mesma força que o susteve, o derruba, e tudo se passa, de acordo com uma causa adequada e de acordo com a ordem natural". Significa isso que a desigualdade se transforma novamente em igualdade, mas esta já não é a igualdade rudimentar e primitiva do homem "alado", em estado natural, mas é a liberdade superior do contrato social. Os opressores se convertem em oprimidos. É a negação da negação.

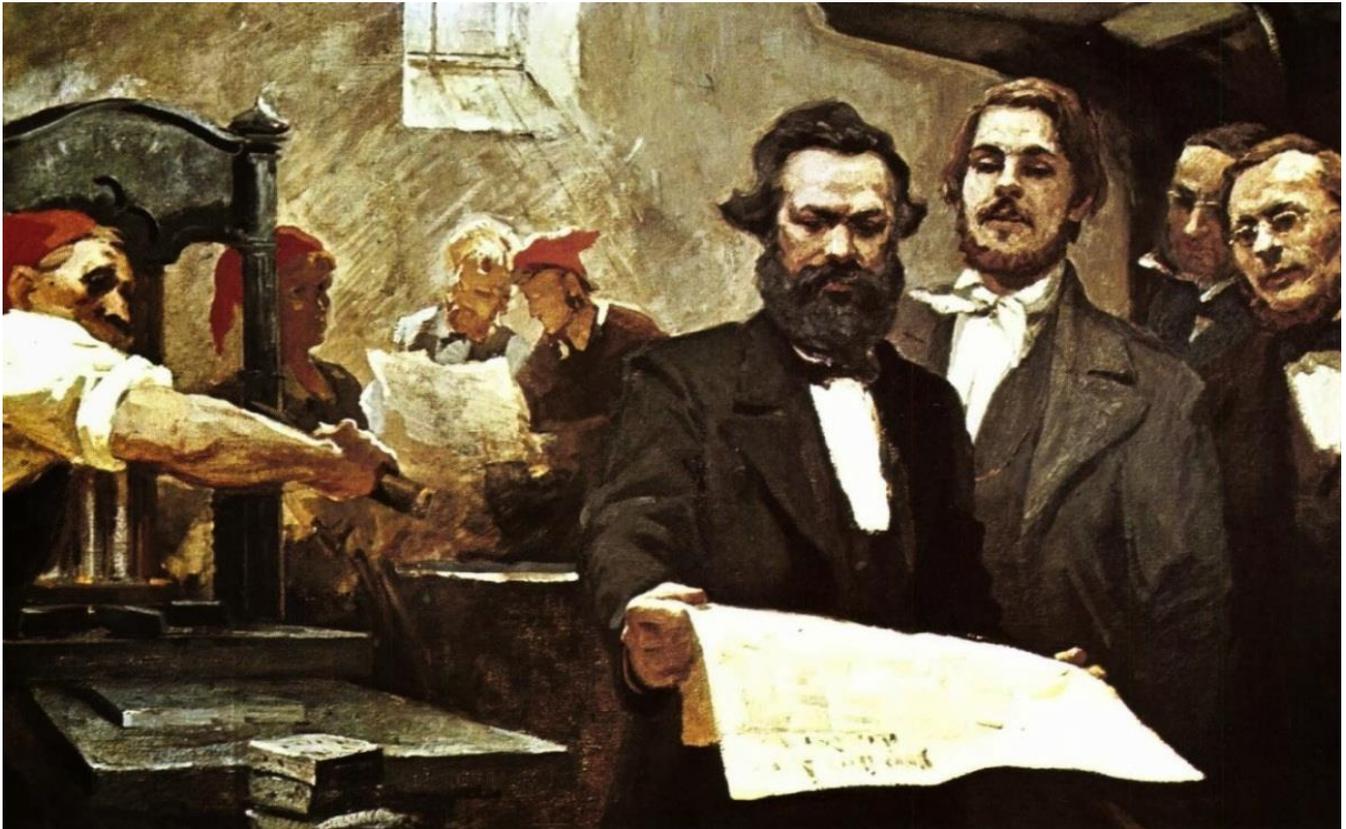
Em Rousseau, já nos encontramos, pois, com um processo quase idêntico ao que Marx desenvolve em O Capital. Além de todas as expressões dialéticas que são exatamente as mesmas empregadas por Marx, encontramos também processos antagônicos por natureza, cheios de contradições, contendo a transmutação de um extremo em seu contrário e, finalmente, o ponto nevrálgico de toda a questão, a negação da negação. Assim, já em 1754, Rousseau, que ainda não se podia exprimir pela nomenclatura hegeliana, estava, 23 anos antes do nascimento de Hegel, devorado até a medula pela peste da filosofia hegeliana, pela dialética da contradição,

pela teoria do Logos, pela teologia, etc.. etc. E quando o Sr. Dühring, reduzindo a zero a teoria rousseauiana da igualdade, opera com os seus dois homenzinhos triunfais, se vê forçado a deslizar por um plano perigoso, que o leva, irremediavelmente, para a negação da negação da qual está querendo fugir. O estado em que floresce a igualdade desses dois homens e que nos é apresentado, sem dúvida, como um estado ideal, recebe à página 271 da Filosofia o apelido de "estado primitivo". Mas, ao chegar à página 279, este "estado primitivo" se transforma, por lei necessária, no "sistema de rapina": primeira negação. Graças, entretanto, à filosofia da realidade, conseguimos abolir este "sistema de rapina", para implantar, sobre suas ruínas, a Comuna econômica inventada pelo Sr. Dühring e baseada na igualdade: negação da negação, igualdade elevada a uma potência mais alta. É divertido ver como, além de ampliar de modo benéfico o nosso horizonte visual, o próprio Sr. Dühring acaba cometendo, também, sem que se dê conta, contra a sua augusta pessoa, o horrendo crime, que é o de incorrer na intolerável negação da negação.

Que vem a- ser, finalmente, a negação da negação É uma lei extraordinariamente geral, e, por isso mesmo, extraordinariamente eficaz e importante, que preside ao desenvolvimento da natureza, da história e do pensamento; uma lei que, como já vimos, se impõe no mundo animal e vegetal, na geologia, nas matemáticas, na história e na filosofia. A esta lei, o próprio Sr. Dühring acaba por se submeter, embora sem o saber, apesar de todos os obstáculos e maldições que lança contra ela. Já se disse que o processo que atravessa, por exemplo, o grão de cevada, desde a sua germinação até que desapareça a planta a que ele deu a vida, é uma negação da negação, e, com isto, não se pretende, de modo algum, prejudicar o conteúdo concreto deste processo. Pois, se se pretendesse afirmar o contrário, quando se sabe que o próprio cálculo integral - como já vimos - é também negação da negação, seria cair no absurdo de sustentar que o processo de vida de um grão de cevada equivale ao cálculo diferencial, e o que fazemos com o cálculo diferencial poderíamos aplicar até ao socialismo. Isso é o que os metafísicos constantemente criticam na dialética. Quando se diz que todos esses processos têm de comum a negação da negação, o que se pretende é englobar a todos, sob esta lei dinâmica, sem se prejudicar, no entanto, de modo algum, o conteúdo concreto de cada um deles. Esta não é a missão da dialética. que tem apenas por incumbência estudar as leis gerais que presidem à dinâmica e ao desenvolvimento da natureza e do pensamento.

Poder-se-ia objetar, ainda, que a negação, que se realiza neste processo, não é a verdadeira negação; um grão de cevada é também negado quando é moído, da mesma forma que um inseto é negado quando esmagado, e a grandeza positiva A quando é negada se a anula etc. Ao se negar a afirmação: "a rosa é uma rosa", quando se diz que "a rosa não é uma rosa", qual é o resultado se, logo depois, se torna a negar esta negação, para dizer: "Sim, a rosa é uma rosa"? Outros não são, com efeito, os argumentos principais levantados pelos metafísicos contra a dialética, argumentos dignos da estreiteza de horizontes, característica dessa maneira de pensar. Negar, em dialética, não consiste pura e simplesmente em dizer não, em declarar que uma coisa não existe, ou em destruí-la por capricho. Já Spinoza dizia: *Omnis determinatio est negatio*, toda determinação, toda demarcação é, ao mesmo tempo, uma negação. Além disso, em dialética, o caráter da negação obedece, em primeiro lugar, à natureza geral do processo, e, em segundo lugar, à sua natureza específica. Não se trata apenas de negar, mas de anular novamente a negação. Assim, a primeira negação será de tal natureza que torne possível ou permita que seja novamente possível a segunda negação. De que modo? Isso dependerá do caráter especial do caso concreto. Ao se moer o grão de cevada, ou ao se matar o inseto, está-se executando, inegavelmente, o primeiro ato, mas torna-se impossível o segundo. Portanto, cada espécie de coisas tem um modo especial de ser negada, que faz com que a negação engendre um processo de desenvolvimento, acontecendo o mesmo com as ideias e os conceitos. No cálculo infinitesimal, nega-se, de um modo diferente, a obtenção de potências positivas que Partem de raízes negativas. Mas estes métodos diferentes de negar devem ser conhecidos e apreendidos, como acontece com todas as outras coisas. Não basta que saibamos que a muda de cevada e o cálculo infinitesimal se encontram sob as leis da negação da negação, para que possamos cultivar com sucesso a cevada ou para que possamos realizar operações de diferenciação ou integração, da mesma maneira que não nos é suficiente conhecer as leis que regem a determinação do som, pelas dimensões das cordas, para que saibamos tocar violino. Mas é evidente que não pode sair nada de um processo da negação da negação que se limite apenas à puerilidade de escrever num quadro negro um A, e logo depois apagá-lo, ou a dizer que uma rosa é uma rosa para, logo em seguida, dizer que não é. Somente se poderia provar, dessa forma, a idiotice de quem se entrega a tais divagações. Isso não obsta, porém, a que os metafísicos pretendam demonstrar que, se nos empenharmos em raciocinar sobre a negação da negação, somente poderemos utilizar este processo.

Chegamos, pois, à conclusão de que é o Sr. Dühring a única pessoa que quer mistificar as coisas quando afirma que a negação da negação é uma quimera analógica, inventada por Hegel, emprestada do campo da religião, e calcada sobre o mito do pecado original e da redenção. Muito antes de saber o que era dialética, o homem já pensava dialeticamente, da mesma forma por que, muito antes da existência da palavra escrita, ele já falava. Hegel nada mais fez que formular nitidamente, pela primeira vez, esta lei da negação da negação, lei que atua na natureza e na História, como atuava, inconscientemente, em nossos cérebros, muito antes de ter sido descoberta. E se o Sr. Dühring fica aborrecido com um tal nome, e quer realizar o processo, sem que ninguém saiba que o está realizando, ainda é tempo de inventar um nome melhor. Mas se o que deseja é apagar a própria operação do pensamento, deverá, antes, encontrar o modo de expulsar esse processo da natureza e da história e, para isso, deverá inventar uma matemática na qual $-a \times -a$ não deve dar $+a^2$ e na qual seja proibido, sob penalidades diversas, o cálculo diferencial e integral.



Capítulo XIV - Conclusão

Acabemos o estudo da Filosofia. Trataremos, a seguir, de outras fantasias contidas no "Curso" para, finalmente, examinarmos os característicos da revolução que o Sr. Dühring introduz no terreno do socialismo. Que nos havia prometido O Sr. Dühring? Tudo. E o que finalmente cumpriu? Absolutamente nada. "Os elementos de uma filosofia real e orientada, portanto, para a realidade da natureza e da vida", a "concepção rigorosamente científica do mundo", as "ideias criadoras de sistema", e todas as demais vitórias do Sr. Dühring, anunciadas por frases pomposas e retumbantes deram como resultado, em todos os setores a que se aplicaram, uma pura farsa. A esquemática do mundo, que "sem perder em nada a profundidade do pensamento, fixou as fórmulas fundamentais do ser" era, como vimos, apenas um eco charlatanesco e infinitamente desbotado da Lógica de Hegel, da qual extrai a superstição de que "essas formas fundamentais" ou categorias lógicas existem misteriosamente, não se sabe onde, antes da existência do mundo e à margem da realidade a que se devem "aplicar". A filosofia da natureza nos oferece uma cosmogonia que tem por ponto de partida um "estado da

matéria idêntico a si mesmo", um estado que só pode ser concebido. criando-se uma caótica e irremediável confusão a respeito das relações entre a matéria e o movimento e, só pode ser concebido, além disso, supondo-se a existência de um Deus pessoal e entronizado à margem do mundo que é o único capaz, por seu impulso, de tirar o mundo deste estado de imobilidade e de lançá-lo ao movimento. No estudo da natureza orgânica tivemos oportunidade de ver que a filosofia da realidade, após condenar a luta pela existência e a seleção natural, de Darwin, como "um caso de selvageria cometida contra a humanidade", permitia que estas teorias se esgueirassem novamente pela porta traseira, como fatores ativos da natureza, embora de segunda classe. O Sr. Dühring soube endossar, além disso, no campo da biologia, uma ignorância que, desde que se tornaram habituais as conferências de vulgarização científica, já não é fácil encontrar e que, mesmo entre as senhoritas de boa sociedade, ter-se-ia que procurar com uma lanterna. No campo da moral e do direito, foi tão infeliz, ao caricaturar Rousseau, como antes, ao se apresentar caricaturando Hegel. E endossou, ainda, inclusive no terreno da ciência jurídica, apesar de seus esforços em nos demonstrar o contrário, um desconhecimento científico que só pode ser concebido no mais vulgar e antiquado jurista prussiano. Uma filosofia como essa, "frente à qual não resiste nenhum horizonte de mera aparência", se limita, juridicamente, a um horizonte real, que não ultrapassa as fronteiras dentro das quais vigora o direito nacional prussiano. Continuamos esperando "pelas terras e céus da natureza exterior e interior" o que essa filosofia prometia abrir aos nossos olhos "no seu potente arranco" e, desse modo, continuamos esperando as prometidas "verdades definitivas e inapeláveis" e "o absolutamente fundamental". Este filósofo, cujo método especulativo exclui, como ele próprio o diz, toda a metamorfose, no sentido de uma "representação subjetiva e ilimitada do mundo", não somente se considera como um homem subjetivamente limitado, pela pobreza extrema de conhecimentos de que faz alarde, por seu mesquinho método metafísico de especulação, como por suas grotescas vaidades, sem falarmos de suas pueris manias pessoais. Não consegue expor a sua filosofia da realidade, sem insinuar ao leitor a sua repugnância contra o tabaco, contra os gatos e os judeus. Pretende impor os seus gostos e repugnâncias como lei absoluta para toda a humanidade, sem incluir, como é natural, os judeus. A sua "plataforma realmente crítica", com relação aos outros autores, consiste em pôr, nos seus lábios, insistentemente, coisas que estes nunca disseram e que são um produto genuíno e peculiar de sua própria cabeça. Os pobres restos de sabedoria que nos oferece a respeito de assuntos próprios de filisteus como, por

exemplo, o do valor da vida e o melhor meio de gozá-la, tem um tal caráter de vulgaridade que bastam para explicar, perfeitamente, a cólera de seu autor contra o Fausto de Goethe. Com efeito, o Sr. Dühring, não poderá perdoar jamais a Goethe, o fato de ter criado, como herói de seu drama, um ser tão imoral como Fausto, em vez de pôr em seu lugar um ilustre filósofo da realidade, como o seria Wagner.

Em resumo, a filosofia da realidade não é, mais que, afinal de contas, para usar uma expressão de Hegel, "a mais vulgar lama do lamaçal alemão", com uma fluidez e uma transparência feitas de lugares comuns, que só pode ser tornada mais turva e mais densa com os coágulos oraculares que o seu autor nela dissolve. Quando terminamos a última página do livro, sabemos tanto quanto antes de ter iniciado a sua leitura e somos forçados a confessar que o "novo método especulativo" ao lado dos "resultados e concepções fundamentalmente originais" e das "ideias criadoras de sistema", nos revelou, de fato, não poucos absurdos, sem nos oferecer, em troca, uma linha sequer em que possamos aprender alguma coisa. E este homem, que tanta propaganda faz de suas artes e mercadorias, ao som de fanfarras, como o mais vulgar camelot de feira, por detrás de cujas frases grandiloqüentes não se encontra nada, mas absolutamente nada, este homem tem a ousadia de chamar de charlatões a figuras como Fichte, Schelling e Hegel, o mais humilde dos quais seria, ao seu lado, um gigante! Há charlatanismo, sim: mas onde e por Parte de quem?